

Nelson Mandela morreu ontem. Foi um dos Homens do século XIX. Valia a pena descrever aqui o que foi a sua vida. Podia escrever sobre a sua coragem, sacrifício, dignidade, verticalidade, inteligência. Sobre como tomou consciência da sociedade injusta em que viveu e lentamente compreendeu que não podia aceitá-la. Sobre como, enquanto advogado, usou o direito e os tribunais para defender os outros e a si próprio da opressão. Sobre como refletia acerca de cada uma das suas atitudes, sentimentos e pensamentos, e de como era capaz de retirar dessa reflexão todas as consequências, sempre bondosas. De como, enquanto lutador pela liberdade (como se designava a si mesmo), enfrentou a oposição do ANC à difícil opção pela luta armada contra um inimigo que considerou não lhe deixar alternativa. Foi o meio que encontrou para conseguir para o seu país o que sempre quis: uma sociedade onde *todos* os sul-africanos, mesmo os inimigos, pudessem viver bem. Nunca prosseguiu outro objetivo. Sabia, *desde o início*, que só pelo perdão o podia conseguir. *Perdoou ainda antes de saber o sofrimento que lhe iria ser infligido.*

Na sua autobiografia Nelson Mandela escreveu que, na altura em que foi libertado, “os jornalistas perguntavam-me muitas vezes qual era a sensação de estar em liberdade, e eu fazia o possível por descrever o indescritível, e normalmente fracassava” (p. 624). Também eu fracassaria se quisesse prestar-lhe uma homenagem com palavras minhas. Pois não encontro palavras suficientes. Por isso decidi usar as palavras dele. As palavras com que descreveu um seu amigo e companheiro de luta, Oliver Tambo, quando este morreu. Se Oliver era como Mandela o descreveu, então Mandela era muito parecido com Oliver. Nunca li palavras mais bonitas acerca de um amigo:

- “Oliver era oiro puro; havia oiro no seu brilhantismo intelectual, oiro na sua afabilidade e humanidade, oiro na sua tolerância e generosidade; oiro na sua lealdade constante e auto sacrifício. Por mais que o respeitasse como dirigente, era por essas qualidades que o amava como pessoa

Embora tivéssemos estado separados durante os anos todos que passei na prisão, Oliver nunca andava longe dos meus pensamentos. De muitas formas, embora estivéssemos distantes, mantive uma conversa com ele na cabeça durante toda a vida. Talvez por isso me sentisse tão abandonado quando ele morreu. Senti-me, como disse a um colega, como o homem mais solitário do mundo. Era como se me tivesse sido arrancado quando

nos tínhamos de novo voltado a encontrar. Quando olhei para ele no caixão, foi como se uma parte de mim tivesse morrido”.

Com a morte de Mandela, foi como se uma parte de todos nós, da Humanidade, tivesse morrido.

Cristina Nogueira da Silva, 6 de Dezembro de 2013.

*Declaro que o texto e citações nele contidas são de minha autoria e exclusiva responsabilidade.*